islenha

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

DIRECTOR

SECRETARIADO

DIGITALIZAÇÃO DE IMAGENS

TRATAMENTO DE IMAGENS

CAPA

ÍNDICE

3 Editorial 46

5 Desumanidade e Massacre no Século XX Europeu
Zygmunt Bauman

11 Geopolítica da Legitimação do Poder Político de Alberto João Jardim
Maria do Céu Alves

23 Os Desenhos Madeirenses de Pedro Anjos Teixeira
Élvio Melim de Sousa

47 *Ars Moriendi* de Rui Nunes
Annabela Rita

63 Reflexões Narcísicas em José Agostinho Baptista e Eduardo White
Paulo César Vieira Figueira

79 A Expansão Portuguesa através de Imagens da Época – Algumas Considerações sobre a sua Credibilidade
João Lizardo

99 Madeirenses na Assembleia Nacional e na Câmara Corporativa (1935-1938)
Paulo Drumond Braga

113 O Mestre-de-Obras da Sé do Funchal Pêro Anes
Rui Carita

125 A Obra do Arquitecto Raul Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira
Emanuel Gaspar

143 Breves Notas para uma Análise da Importância do Espaço e da Geografia Económica no Contexto da Sociedade de Informação

António Almeida

149 Estudo sobre os Factores Críticos de Sucesso da Internacionalização da Economia da RAM

Pedro Santana

LEITURA 1

153 *História Contemporânea de Portugal, do 25 de Abril à Actualidade*, de António José Telo

Gabriel de Jesus Pita

LEITURA 2

156 *Entre a Selva e a Corte: Novos Olhares sobre Vieira*, coord. de José Eduardo Franco

Guilherme d'Oliveira Martins

LEITURA 3

160 *12 mesi a Funchal*, a cura di António Fournier

A palavra aos Tradutores, por Matteo Rei, Gaia Bertoneri, Emanuele Cavallo, Alessandro Granata Seixas

167 Publicações Recebidas (entre Jul.-Dez., 2009)

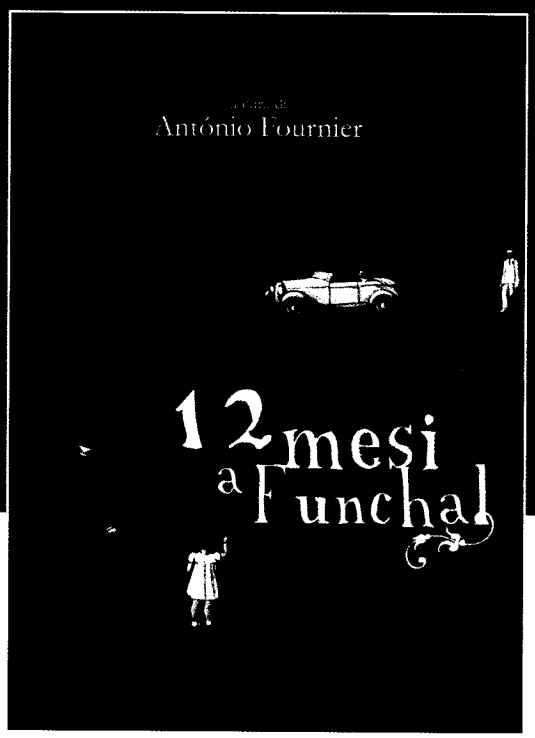
Leitura 3

12 MESI A FUNCHAL – A PALAVRA AOS TRADUTORES

I

Angelo Morino, o falecido tradutor italiano de García Márquez, Manuel Puig e muitos outros célebres autores hispano-americanos, disse que "um bom tradutor deve estar sempre pelo menos um passo atrás do autor, dentro da sua sombra". Partilho a sua opinião. Para um tradutor, traidor por vocação e por necessidade, sair da semi-obscuridade que é idónea ao seu papel, parece sempre mais uma, desta vez não solicitada nem justificada, infidelidade. Quando transfere um texto de uma língua para outra, ele deve, isto é bem pouco mas é certo, evitar a todo o custo protagonismos indevidos. Mas... e depois?

A experiência da tradução literária poderia talvez ser comparada a uma navegação de cabotagem, vigilante e controlada, atenta em nunca perder de vista a costa, a referência constante e inevitável ao texto original. Não surpreende por isso que quem se dedica, por prazer ou exigência profissional, a essa actividade, nasça com frequência com o vago, mas indelével, desejo de rotas novas e pessoais, com o irreprimível impulso em lançar-se em primeira pessoa na aventura da criação literária. A meio caminho entre as duas possibilidades divergentes, a ancoragem ao original e o desfraldar das velas em direcção a horizontes inexplorados, poder-se-ia colocar os casos do comentador e do crítico literário, ou, então, o caso menos comum de um tradutor que procure descrever a sua própria experiência de tradução através dos códigos de duas línguas diferentes. Este percurso intermé-



s.l., Scritturapura Editore, 2008, 103pp., isbn: 978-88-89022-30-6

dio, nem perto da costa nem em mar aberto, é o que aqui me compete.

A convite de António Fournier traduzi três contos de autores da Madeira para a versão italiana da colectânea *12 meses no Funchal*, por ele organizada. Como os outros colegas que participaram nesta iniciativa, gostaria de dar brevemente conta daquilo que esta experiência representou para mim. Não sem antes apresentar os textos que tive oportunidade de trabalhar: "No tempo de Janeiro", de Ana Margarida Falcão; "Ruas de Julho", de Vítor Sousa e, por fim, "Em Dezembro quando as gaivotas enlouquecem", de João Carlos Abreu. Como explicitado pelos títulos, cada um deles propõe-se contar a cidade do Funchal num diverso mês do ano.

No conto de Ana Margarida Falcão, os estranhos fenómenos que se verificam a cada noite de fim de ano num antigo palácio da Rua da Carreira são o fio condutor da narração, centrada nas vicissitudes de uma família madeirense no arco de cerca dois séculos, do fim do século XVIII aos anos 80 do século passado. O tom da sapiente reevocação histórica dos parágrafos iniciais é gradualmente abandonado para dar lugar à trama de uma vicissitude fantástica cujo desfecho se encaminha resolutamente para os territórios do maravilhoso puro. A estrutura cíclica do conto, reforçada com a utilização de algumas fórmulas recorrentes, exigiu um suplemento de atenção durante a tradução.

O texto que Vítor Sousa dedicou às celebrações do mês de Julho propõe-se reevocar as principais etapas de uma grande aventura colectiva, o povoamento da ilha e a elevação quinhentista do Funchal a cidade. Na tentativa de resgatar a memória de quem, marcado pelo estigma da doença mental, foi secularmente remetido para as margens deste como de qualquer processo histórico, o jovem autor recorre a um código linguístico tão sugestivo quanto, por vezes, propositadamente enigmático. Transmitir em italiano o fascínio da sua original opção estilística foi por isso um desafio aliciante, que aceitei com entusiasmo e também, espero, com resultados não indecorosos.

No conto de João Carlos Abreu sente-se a segurança e o domínio de quem mantém com a escrita literária uma relação íntima e desenvolta, feita de uma longa fidelidade e experiente confidência. Assim, também a aventura menor dos dois cônjuges ingleses, chegados à Madeira para passar as férias de natal, se torna pretexto para saborosas divagações sobre os usos e costumes insulares. O que implica, para o tradutor, a necessidade de ampliar, de *pari passo* com a sua competência linguística, a sua bagagem cultural. No meu caso significou acrescentar à minha enciclopédia pessoal os verbetes que contemplassem o típico presépio da ilha ("lapinha"), o licor local "Tin-tan-tum" ou a pequena guitarra conhecida como "braguinha".

Por outro lado, traduzir é uma óptima maneira de enriquecer a geografia do imaginário pessoal. É também um modo, menos dispendioso, de viajar. Todavia a minha boa estrela quis que à primeira das duas experiências se seguisse, dali a pouco, também a outra. De facto, alguns meses depois de ter terminado as traduções, proporcionou-se-me passar uma semana de férias justamente no Funchal. Pude assim provar algumas das delícias gastronómicas celebradas no último conto, visitei a catedral cuja construção tinha acompanhado graças aos empolgantes testemunhos de Vítor Sousa, e também não me furtei a um passeio matinal pela solarenga Rua da Carreira, observando as fascinantes fachadas de muitos vetustos palácios, iludindo-me de cada vez com a perspectiva de encontrar o edifício no qual Ana Margarida Falcão tinha ambientado as intrigantes vicissitudes da família Teodoro.

Encontrar, por fim, António Fournier, aquele que esteve na origem de tudo, à mesa do Café do Teatro e saborear com ele um copo do famoso vinho da Madeira foi uma ocasião perfeita para reatar os laços de uma bela experiência comum e brindar à augurada eventualidade de novas aventuras em comum!

Matteo Rei

II

Quando me foi proposto traduzir alguns contos da antologia *12 meses no Funchal*, não pude deixar de sentir uma enorme alegria. Quer porque me iria aventurar numa nova experiência de tradução literária, quer porque já conhecia as cores perfumadas e naturais daquela terra imersa no Atlântico. Refiro-me a todas aquelas sensações que, se um tradutor tiver tido oportunidade de saborear na primeira pessoa, não pode deixar de tirar proveito para obter um melhor resultado. E de facto, depois de ler os contos que me foram atribuídos, ou seja "Fevereiro, 1938", "Agosto" e "Violante-olhos-de-mar", já pré-gustava as sensações que ia ter ao reler esses textos na minha língua materna. Esperando que o meu trabalho de paquete entusiasta fosse também o de escrupulosa funcionária de alfândega, de forma a devolver as mesmas emoções aos leitores italianos.

O conto "Fevereiro, 1938" de Irene Lucília Andrade fala de um tempo interior de espera de uma criança que há-de nascer e de todas as emoções que lhe estão associadas. Uma autên-

tica preparação íntima para o grande evento, na qual a protagonista se deixa conduzir pela alegria pura e pela vaidade de futura mãe. Este tempo de espera contamina a visão do lugar que em breve mudará para sempre: com os olhos luminosos da futura maternidade, a protagonista atravessa a cidade, vendo-a pela primeira vez debaixo de outra luz, num olhar projectivo para ela, mas retrospectivo para a autora (que evoca a sua mãe num tempo anterior à sua própria existência).

"Agosto" conta uma história actual de um jovem estudante de jornalismo, a contas com um trabalho de campo para o seu curso, num período do ano em que todos partiram para férias e não há novidades jornalísticas para contar. O autor deste conto, Nelson Veríssimo, descreve as famosas festas populares da Madeira e as suas atmosferas descontraídas e espumejantes, que acompanharão o protagonista na busca da sua história, percurso que o levará a levantar pouco a pouco o véu de uma insólita página de sangue da grande História trágica da emigração das ilhas.

Por fim, chega o Funchal quinhentista dos moinhos de açúcar e das caravelas, evocado na voz interior da protagonista do conto de Helena Marques. "Violante-olhos-de-mar" é uma jovem mulher que ama desesperadamente o seu noivo embarcado para Lisboa, onde foi aprender a arte de entalhar a pedra, ofício que fazia parte da formação dos jovens num tempo de descobertas e de construção de novas cidades. Constante deste conto é a vista do alto da torre do Convento, lugar onde Violante passa a maior parte do tempo a perscrutar o horizonte, numa espera extenuante que acaba por ser recompensada com o regresso do amado, num final feliz, característico de todas as histórias de Helena Marques.

Curiosamente a espera é um tema recorrente dos três contos, o que talvez seja lícito associar à própria vivência numa ilha. A este propósito, convém lembrar que, apesar de empírica e conceptualmente se conhecer uma determinada cultura, a transposição linguística nem sempre é tarefa fácil, quer por não existirem exactamente as mesmas correspondências semânticas na língua de chegada, quer por a tradução ser inevitavelmente redutora, e a distância existente entre as duas línguas ultrapassar o limiar do fatídico *compromisso do tradutor*. Pede-se a este um trabalho longo e árduo, invisível à leitura. Ele deverá saber dosear luzes e sombras na sua tradução: se iluminar o texto com determinados projectores ver-se-á só o seu rosto, e ficar-se-á ofuscados; se ele alargar o campo e acender outras luzes, aquelas um pouco mais atrás, eis que se verá também a sua própria sombra. Eis a difícil *arte do compromisso* do tradutor, entre mostrar pouco e ocultar demasiado. Dito isto, gostaria de ilustrar algumas das dificuldades que encontrei durante o trabalho de tradução.

Em "Fevereiro, 1938" aparece a palavra "quintal". Ao traduzi-la, optei por não recorrer a outras soluções, como "cortile" (pátio) que evoca no imaginário linguístico italiano um espaço urbano fechado no interior de um prédio, ou "patio", palavra de derivação espanhola que já entrou na língua italiana, mas que seria desviante, dado que evoca o pátio de arquitectura hispano-mourisca ou sul-americana, circundado de pórticos para onde dão vários quartos, no meio uma fonte rodeada de plantas. Por outras palavras, com "cortile", teria deixado demasiado na sombra; "quintal", com "patio", pelo contrário, tê-lo-ia iluminado demasiado. Entre uma escolha mais domesticante e uma escolha mais "exótica" para um leitor italiano (mas desviante, dada a bem conhecida tendência italiana para confundir o imaginário português com o espanhol), preferi o termo "giardino" (jardim), embora tenha consciência da sua não completa adequação à realidade local. Preferi este termo, claramente mais neutro, considerando em todo o caso o aspecto botânico que caracteriza a

ilha da Madeira. "Quintal" – aproveito para me libertar do sentido de culpa que caracteriza qualquer trabalho de tradução – corresponde a uma zona intermédia a meio caminho entre cidade e campo, espaço que recentemente o crítico Thierry Proença dos Santos definiu como "rurbano", ou seja, um espaço de convívio e sobreposição entre o jardim à europeia e a natureza subtropical que caracteriza o Funchal, em que além de se cultivar plantas se criam também animais.

Gaia Bertoneri

III

A tradução dos contos relativos aos meses de Março, Abril e Junho permitiu-me entrar em contacto e aprofundar o conhecimento da realidade do Funchal, cidade atlântica que festejou no ano passado o quingentésimo aniversário da sua fundação. Desta experiência amadureceu o desejo de visitar pessoalmente estes lugares e de mergulhar em primeira pessoa nas cores, nos cheiros e nas sensações desta peculiar e fascinante cidade.

O que mais surpreende no conto "Funchal, Março" é o narrador. Com efeito, o autor, Francisco Fernandes, delega a descrição dos eventos a um recém-nascido que inicialmente ainda está no ventre materno. A primeira parte do conto é por isso dedicada aos pensamentos e sensações de quem está para nascer. Em seguida, depois do parto, através das suas palavras vislumbram-se alguns traços salientes do lugar e imaginam-se os seus ritmos de vida. A catedral, o cheiro do pão fresco na rua e do mel de cana, o cais, o mercado e as vozes do povo pintam um cenário que surge diante dos nossos olhos como se nos encontrássemos ali naquele momento. Um cenário que dá vontade de conhecer pessoalmente, para experimentar na pele o Funchal de 1952.

Em relação a "Parábola", de Margarida Marques, pode-se afirmar que dos três contos que traduzi é o mais "normal" do ponto de vista narrativo e sintáctico. A história do casamento de Beatriz e José Maria, e o nascimento do seu primogénito, é-nos contada por uma voz externa sem peculiares artifícios literários. Isto, porém, permite à autora oferecer-nos descrições muito detalhadas e preciosas da cerimónia, dos festejos, das ambientações e dos recantos da ilha da Madeira, de que o Funchal é capital. A preciosidade da linguagem conduz-nos pela mão desde as celebrações nupciais, passando pela experiência negativa até ao final feliz, no esplendor de Abril no Funchal.

O último conto, "June", foi aquele que exigiu um maior empenho devido à decisão da autora, Maria Rosa Basílio, de suprimir completamente a pontuação. As palavras, narradas desta feita por uma menina, fluem deste modo como um rio em cheia e obrigam a uma leitura de um só fôlego. Mais uma vez as descrições permitem sonhar de olhos abertos, experimentar os ruídos e os cheiros das festa de S. João, participar na vida da cidade e da pequena narradora. A ausência de pausas aumenta inevitavelmente o ritmo do conto e a sucessão de imagens. Tudo isto nos aproxima muito da vitalidade das crianças que, enquanto falam de algo, estão já pensando noutras, infinitas, histórias, desejosas de no-las darem a conhecer.

Emanuele Cavallo

IV

A VERTIGEM DO OUTRO OU DOS URSOS, DOS PALHAÇOS, DO CIRCO E DA IMPREVISÍVEL VELOCIDADE DA CIRCULARIDADE

Livre interpretação de *Dodici mesi a Funchal*, dos contos que traduzi, com algumas notas piratas nas entrelinhas, sobre o antologiador e décimo primeiro autor do Livro.

Diz um antigo provérbio *zen*, permutado do confucionismo, que se te sentares na margem do rio sem te cansares ou lutares, mas aceitando aquela quota-parte de imprevisibilidade que é a vida, e concedendo tempo ao acaso que concatena os eventos, acabarás por ver passar diante dos olhos o cadáver do teu inimigo. Sendo que cadáver e inimigo deverão ser lidos metaforicamente, pois cadáver é o fim daquilo contra o que se luta e, portanto, cessando a luta, automaticamente deixará de haver inimigo.

Este talvez seja um dos maiores ensinamentos do fatalismo indiano. Que, recorde-se aos ausentes ou aos presentes distraídos, não é resignação, mas consciência profunda da natureza do *ser* na existência. Aceitação de regras universais, não resignação, nunca. Para derrotar a obsessão, o caruncho que corrói, não nos devemos resignar, mas sim resignarmo-nos a aceitá-lo como parte da nossa estrutura, construir com ele pontes, linhas de contacto e cordões umbilicais com a neurose quotidiana, cruz e delícia, delícia e tormento.

Escrevendo como se tocássemos, soarão trompas de anjos e sons agudos do inferno para os *feiticeiros do norte* que decidem em *Novembro* demandar outros horizontes, levando consigo o pouco de portátil que uma mala ou um coração permitem transportar durante as peripécias luminosas da vida. Levar consigo a lembrança da vertigem da viagem como resposta à αναγχη, à necessidade, à necessidade de saudade, à dor da partida, mas também à dor do regresso, menos forte, mas igualmente aguda e perceptível.

O viajante leva consigo o seu ponto fixo quando avança a velocidades vertiginosas ou constantes nas montanhas russas da existência. É ele porém o único ponto fixo. Leva consigo a sua própria viagem. O viajante é corpo estranho num corpo novo, dando azo a permutas contagiosas, desordenando e baralhando tudo. Se o autor constrói com os tijolos da sua existência a casa da sua obra, o viajante abandona ou oferece pedaços da sua vida aos companheiros de viagem ou – perdão – de existência que o quiserem ou solicitarem como acontece com aquele jornalista em Veneza. Em Novembro ou Novembro: retrato imaginário de um autor imaginário, imaginado tal e qual pela real imaginação do autor real do conto que conheceu o real autor imaginado.

No seu contínuo desequilíbrio dinâmico, o viajante é um homem que caminha rapidamente para não cair. Impossível explicar o ziguezague de uma bicicleta que tenta esquivar os transeuntes em cauto exercício de lentidão meditativa, durante as horas apinhadas de gente ou as horas ofuscadas da nossa existência. O viajante é aquele que volta ao ponto de partida porque percebeu ou percebe que esse ponto de partida é a matriz de si próprio, mas nem ele nem o ponto de partida podem já considerar-se iguais ao que foram. *Panta rei*. Um homem novo um ponto novo, talvez em paz consigo mesmo, talvez não.

Mas o homem em paz consigo mesmo não existe nem poderá existir sem que o eros, temporariamente, ou a morte, permanentemente, façam descer o pano da piedade ou do amor. E aqui Ulisses espelha completamente o mito ocidental do Don Juan inquieto, sedutor compulsivo. Ilusões do coração de leopardiana memória. Ezra Pound que finge ser ele mesmo.

O que existe é simplesmente outras vias de fuga. Talvez imóveis no espaço mas mobilíssimas no tempo como todos os paraísos artificiais ou exóticos inventados, usados ou abusados pelas mentes. Para a sua hipóstase e confissão (mentirosas ou enganadoras, criadoras de fingimentos ou ficções literárias). Praticá-las-á ou fugirá delas preferindo uma longa e ultrapassada guerra de posição ou uma guerra relâmpago, enfrentando com todas as suas forças a ultrajante sorte que o põe à prova, atingindo-o com dardos e flechas amargas?

Assim um dia partes (partes tu) ou partiu (ele, o viajante, o antologiador, o feiticeiro) ou parti (eu, o tradutor molesto), ou partirás (tu leitor, tu amigo, tu companheiro de existência, perdão, de viagem) para nunca mais regressar, transformando-se a memória em caramelo para adoçar as horas distantes das horas. Como o desejo irresistível de vagabundear na hora insólita da noite, para atingir o ponto ignoto que abre as portas ao novo, ou a insónia contínua que persiste até madrugada, quando o mundo aparecer mais leve sem ter dormido.

A vertigem do outro e aquela eterna balança interna que se arremessa ou se quebra no vórtice do possível e do múltiplo, no encontro com o diverso, com o incompreendido. Na liberdade do ser não há arrependimento, mas sim, como na brincadeira infantil da "apilhagem", começos e recomeços ao ritmo das voltas de carrossel da vida. Pisa Turim Milão Lisboa Funchal. Bate o coração da noite e chora uma mulher com uma boneca nas mãos...

Esta boneca talvez seja Veva, e era Maio, um Maio maduro e encantado como um baile de bruxas, Veva que enlouqueceu lembrando o amado tio Carlos, ou a *Senhora* sua patroa, amante assassina que depois de ter sido libertada e rejeitada, atravessa insone as ruas da noite de dedos negros. Chora e acaricia a boneca que talvez seja Veva. Mas o conto não fala disto, deixa-nos imaginar, a mim ou a vós, o que quisermos, quase que sugerindo entre indícios e reescritas, possíveis traduções e re-traduções onde o leitor e primeiro leitor do texto, qual autor invisível que traduz, não pode deixar de se pôr na pele de um investigador para procurar o *habeas corpus* do Texto, a prova flagrante do delito.

Encurralados, os textos falam muito mais do que se pensa. Contam-nos as noites em branco e os tiques dos autores, lembram-nos os momentos sombrios e os momentos radiosos. Entrelaçam fios e cores esquecidas num cantinho da memória e da existência. Reafloram as recordações remotas do ninho morno da juventude interrompida, como um sigilo para além do qual a árvore do bem e do mal nos deixará comer os seus frutos não nos guardando rancor por termos descoberto o mal da existência e o bem do texto que aflora como um revelação nítida e cristalina.

Entre Maio e Novembro há um conto rápido, como uma pincelada inspirada, um traço levemente esboçado, uma *aguarela de Outubro melancólico* que nos lembra o adágio de Albinoni. Um pôr-do-sol numa cabana de montanha exótica. Um percurso duplo e invertido: parte do céu em chamas para o amor que une os dois sobreviventes do mundo e de novo foge para um campo aberto para admirar as estrelas depois do ardor da alcova clandestina em qualquer lugar no mundo. Em Outubro caem algumas folhas, outras ruborizam-se de pudor por ainda estarem ali. Outubro lembra mil vezes a infância e os amores e os dias assim. Quando a tarde corre no prazer do instante pungente.

Outubro soa uma ária na quarta corda, balançando as pernas como um grumete no convés ou um bailarino solitário com um manequim de tinta e papel. Tinta como um respingo de pôr-do-sol num *cocktail* forte com ressaibo adocicado. Outubro no Funchal, a canícula estival cessou, mas continua a primavera eterna, nas histórias e nos rostos das mulheres de que Aurora fala, aqui um rápido e brioso *matisse* autobiográfico, ali as notas pungentes da condição feminina pela boca de tantas outras mulheres desenhadas de forma redonda.

Alessandro Granata Seixas